

EXERCÍCIO DE ESCRITA

BIOGRAFIAS DE PERSONAGENS DO PÓS-ABOLIÇÃO

Esse documento constitui parte das atividades realizadas pelos bolsistas PIBID História FGV no ano de 2017. Como parte das atividades realizadas, o exercício de escrita sobre importantes personagens do Pós Abolição foi uma etapa interessante, na qual os bolsistas puderam experimentar novas formas de escrever sobre sujeitos históricos que viveram na Primeira República do Brasil (1889-1930) e que ainda hoje seguem invisibilizados pela historiografia oficial. Dessa feita, os bolsistas não só estudaram a trajetória de duas personagens pouco estudadas (sobretudo nos bancos escolares), mas também fizeram um exercício de sensibilização para pensar e experimentar novas formas de contar histórias e produzir o saber histórico em sala de aula.

Etapas da Atividade:

- Bolsistas fizeram estudos teóricos (análise de historiografia) sobre a importância em trabalhar com a biografia como ferramenta na construção do saber histórico;
- Bolsistas foram apresentados a fotografias de homens negros que viveram a Primeira República sem nenhuma identificação de seus nomes;
- Bolsistas tiveram que imaginar quem foram aqueles homens (nomes, profissão, etc.);
- Bolsistas compararam a construção que fizeram com os dados de cada um dos biografados;
- Produziram um documento escrito (carta, conto e prosa) como se fossem os biografados se apresentando para outras pessoas – pensaram em alunos e alunas do Ensino Médio.

Nesse documento encontram-se a experiência de sensibilização produzidas por Vinicius Caetano sobre João Cândido; e de Lenilson Naveira e Artur Pereira sobre Eduardo Sebastião das Neves. Acredita-se que essa atividade pode ser tomada como uma das muitas formas de pensar e exercitar a construção conjunta do saber histórico em sala de aula.

Carta de João Cândido
(Bolsista Vinícius Caetano)

“Querida Ynaê

Fiquei surpreso ao receber sua carta outra semana e retorno com felicidades. Meu pai lhe mandou cumprimentos. Ele ainda vive na antiga senzala que trabalhava como escravo. O patrão o prometeu trabalho pago em seus últimos dias de vida, mas não acredito que o velho esteja recebendo. Me desculpe começar com este assunto, pois me despedi de minha família a duas semanas e minhas saudades não param de gritar em meu peito.

Fui transferido do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro. A marinha possui uma enorme propaganda dizendo reunir pessoas de todas as cores e trata-los como iguais, mas isso nunca aconteceu. Quando entrei na cidade grande, observei os olhos dos meus companheiros de cor me encararem de maneira estranha. Era evidente que muitos deles estavam cansados, tristes e desesperados com o ritmo urbano, ou um novo ritmo que estavam impondo a eles. Seus trabalhos exigiam exclusivamente de seus braços e quase nunca de suas mentes e bocas para falar. Eu os encontrava silenciados. Mesmo com tantas portas de lojas, restaurantes e igrejas abertas, foi difícil entrar em um lugar sem me deparar com alguém para me expulsar. Por mais que a cidade represente a terra da oportunidade, principalmente para negros e pobres, ela parece nos ignorar; nos barrar; querer nos expulsar e muitas vezes nos escravizar novamente.

Na marinha, nada é diferente do espaço urbano. Um negro dificilmente entra no caminho para se tornar oficial por conta própria. Enquanto a maior parte dos marinheiros brancos fazem patrulhas, treinamento e discutem seus planos sobre o futuro, nós negros, além de fazer tudo isso, sempre somos colocados para limpar e cozinhar para todos. Sentimos a diferença da escravidão somente em detalhes. Para você ter ideia, o marinheiro que comete insubordinação é amarrado e chicoteado e não preciso dizer que todos os marinheiros negros já sentiram esse chicote.

A escravidão pode ter acabado no papel, mas nós sabemos que ela nem se mexeu na sociedade. Pensar em sermos iguais aos brancos nunca sai da mente e sempre tem um

branco que tenta nos "ensinar" ou "reensinar" os nossos "lugares". Espero aguentar tudo isso até futuras mudanças.

Não tenho notícias de meus irmãos e só espero que eles estejam em situações diferentes da minha, embora meu coração sinta que não é verdade. Me pergunto se minha irmã conseguirá sair daquela grande casa para estudar e ser médica. E espero que nossos amigos tenham deixado aquela fazenda que não lhes davam nada além de comida e abrigo.

Sou um homem cheio de esperanças e acho que são elas enriquecem meu espírito. Parte delas vieram de nossas conversas e planos e que ao saber seu sucesso com os estudos me senti confiante e esforçado. Separarei um dia para lhe visitar e saber como anda seu sonho de ser professora. E se não for incomodo, gostaria que visitasse meu pai para ensina-lo a escrever. Sinto falta do velho e gostaria de pelo menos uma vez ver uma carta escrita por aquelas mãos grossas e rachadas que nunca pegou nada menor do tamanho de um lápis. Te desejo saúde, futuro e sucesso. Espero trocar mais cartas com você.

João"

Crônica sobre Eduardo Sebastião das Neves
(Bolsista Artur Pereira)

Sebastião nascera em um ano muito marcante. No mês de seu aniversário era aprovada a lei imperial que acabava definitivamente com o tráfico de escravos. Não que isso fosse mudar em muito a sua vida; Sebastião era filho de outro Tião, casado com Maria, ambos libertos antes de seu nascimento.

Mas seus pais não saíram da fazenda onde nasceram e cresceram, muito em função do respeito, mas também por necessidade, à família Castro Branco. O Coronel Luiz libertara Tião e Maria antes de morrer. Seu filho e herdeiro, Joaquim, não tivera filhos e nutriu afeição por Sebastião.

Sempre curioso e acompanhando a mão na Casa Grande, Sebastião sempre ia à biblioteca às escondidas, até ser visto por Joaquim. O velho Coronel de início se assustou, mas aos poucos passou do tolerar ao acolhimento do jovem menino. E Sebastião passou a ser tratado com esmero, recebendo a melhor educação que o dinheiro poderia pagar naquela província da Bahia.

O tempo levou seus pais, mas trouxe redenção: muitos eram os elogiosos e invejosos daquele negro engenheiro de “alma branca”. Os “títulos” e alcunhas incomodavam o rapaz, mas ele tinha outros projetos e sabia o que aqueles estigmas significavam. A chance de mudar apareceu como um repentino vento.

Com a morte súbita de Joaquim, Sebastião é expulso da fazenda pela irmã do Coronel, que não via sentido em educar “tão bárbara gente”. Mas Sebastião sabia para onde ir: a capital imperial. Como intelectual de seu tempo, Sebastião era um pouco de tudo; formado engenheiro, era também poeta e filósofo, nunca deixando o jornalismo e a botânica de lado.

Com seu pé de meia e seu talento, a capital não lhe fora um problema. Lá chegou no ano de 1878, e diante do crescente movimento abolicionista, não tardou a escrever sobre. Rapidamente conheceu muita gente, e num eventual encontro, teve contato com André Rebouças. A amizade entre os dois não tardou a surgir, muito mais por conta de

suas formações acadêmicas e projetos de Brasil. Ou pelo fato da sociedade alta, muito tacitamente, relegar os dois aos mesmos encontros. Fosse como fosse, Sebastião teve até a honra de orientar o velho imperador sobre a compra de locomotivas.

Sua felicidade foi ao máximo com a abolição, e seu projeto com Rebouças, de uma democracia de pequenos proprietários, parecia tomar vida. Mas a punhalada veio com a República. Sua voz não tinha ecos e suas súplicas eram em vão; era o tempo dos *self made men* e não havia espaço na República para o auxílio. A estrada e do sucesso de cada um estaria nas próprias pernas, e os negros “não tinham mais os grilhões aos pés, não é mesmo? ”. Foi o que ouviu dos bigodes de um velho cafeicultor de Valença.

Sem alentos com o futuro, Sebastião se retirou da vida pública e voltou para seu velho Estado. Então, por si, tentou viver o seu sonho: montar sua própria democracia. Mas numa noite serena, num mesmo vento repentino, sua casa em fogo ardeu. Estranho foi ele não ter saído.

Conto: O Vencedor - Eduardo Sebastião das Neves
(Bolsista Lenilson Naveira)

Emanuel D'Angola era um escravo ao ganho jovem e espirituoso, que auxiliava à sua senhora, que se encontrava falida, embora ainda fidalga em meados de 1880. Sua atividade basicamente consistia em comprar e revender livros no centro do Rio de Janeiro, em especial nos arredores da Rua D'Ouvidor, por onde a elite intelectual carioca passava e ostentava sua opulência e distinção cultural.

Inicialmente, tratava-se da costumeira venda de periódicos, mas com o fortalecimento da produção literária nacional e das traduções disponíveis, a venda de livros, romances e peças de teatro – em franca expansão – tornara-se mais lucrativa, tanto para sua senhora quanto para si.

Ainda em 1885, havendo acumulado alguns recursos e vendo-se distante da Lei do Ventre Livre e dos Sexagenários, decidiu por comprar sua Carta de Alforria, por uma quantia que sua senhora não pôde recusar.

Liberto antes da Lei Áurea, que viria tardiamente em 1888, Emanuel contava com algum diferencial, posto que aprendera a ler em seu ofício anterior e, mais do que isso, apaixonara-se pela vibrante literatura brasileira, e pela atmosfera radiante da Rua D'Ouvidor, aquecendo no fundo de sua alma um desejo indômito de se ver entre a elite intelectual carioca – escrever um romance talvez pavimentasse o caminho de seus sonhos dourados.

Não muito dista dali – sabia ele - Machado de Assis tirava de sua pena e de seu intelecto os mais brilhantes contos, novelas, ensaios e romances de então; “Um homem brasileiro, de seu tempo, e com raízes na África!” – pensava Emanuel sobre Machado, comparando-se a ele.

Tais sonhos foram catapultados pela Lei Áurea, em 1888, e pela Proclamação da República no ano seguinte. Na ocasião, já fazia 5 anos que nosso protagonista trabalhava como vendedor da livraria D'Ouvidor, onde já havia lido poesia e romances que sua imaginação jamais havia suposto conceber.

No ano seguinte, em 1890, uma (in)feliz ocasião se deu: a morte de seu patrão e dono da livraria, o Sr. Oliveira, que deixava sua fortuna e suas lojas para sua filha Antônia,

que tendo enviuvado aos 35 anos, não nutria grande interesse pelo trabalho do pai, muito embora precisasse de seus rendimentos.

Assim, em que pesasse as diferenças sociais e de espírito entre eles, Emanuel e Antônia entenderam-se perfeitamente bem em suas reuniões de negócio. Um entendia do ofício e da administração da livraria, enquanto a outra percebera de pronto a oportunidade de haver alguém para tocar seus negócios, enquanto usufruía de sua vida monástica e mantinha a regularidade de seus rendimentos.

Na prática, era como se Emanuel dos Santos (já que a esta altura “D’Angola” já saíra de seu nome) houvesse se tornado o efetivo dono da livraria, não fosse o fato de que dividia religiosamente seu lucro com a Sra. Antônia.

Mais do que a nova posição social que sua condição de sócio de um comércio bem localizado lhe conferia, os contatos privilegiados com as editoras, com os políticos do Palácio Tiradentes – que se exibiam orgulhosamente para comprar seus livros e alargar o eleitorado, e com escritores renomados que davam ali o ar de sua graça, eram justamente com que Emanuel mais se importava.

Depois de alguns anos de uma escrita solitária, quase secreta, terminou sua obra-prima: “Está pronta para ser publicada!” – pensou ele.

Tratava-se de um romance de 400 páginas chamado “O Lutador”, que se inspirava livremente em sua autobiografia, embora jamais confirmasse tal especulação, para concluir, para o gozo dos líderes da República, que no novo regime político todos, sem exceção, podiam seguir caminhos que levassem ao sucesso. Deu certo. O livro lhe conferiu dinheiro, prestígio e uma foto no Jornal com sua melhor roupa. Um vencedor!